

Roma Define a Visão - Número Onze

Compreendendo a Aplicação Tripla da Profecia: 11 de setembro de 2001 e o processo final de provação para o adventismo laodiceano

Jeff Pippenger
2024-08-30

Assim como 11 de agosto de 1840 confirmou as regras adotadas por Miller, depois de 11 de setembro de 2001, aqueles dispostos a ver perceberam que os princípios proféticos adotados pela Future for America eram a verdadeira metodologia bíblica da chuva serôdia, conforme exposto em Isaías capítulo vinte e oito. A aplicação de linha de reforma sobre linha de reforma, conforme exposta na história sagrada, estabeleceu que 11 de setembro de 2001 foi uma repetição de 11 de agosto de 1840.

Eles viram que, quando o poderoso anjo de Apocalipse 10 desceu em 1840, ele tipificou sua descida em 2001. Ambos os anjos desceram quando uma profecia sobre o Islã foi cumprida. O movimento então cresceu à medida que homens e mulheres respondiam à eficácia da metodologia. A liderança do Adventismo do Sétimo Dia laodiceano foi deixada de lado no tempo do fim, em 1989, e então essa igreja entrou em seu processo final de provação, enquanto o Senhor começava a selecionar o movimento do terceiro anjo para ser seus porta-vozes dos últimos dias.

Uma regra principal entre as regras dadas para os últimos dias era a aplicação tripla da profecia. Especialmente naquela época, destacava-se a aplicação tripla dos três ais, que tão claramente corroborou o evento de 11 de setembro de 2001. Quando essa verdade foi honestamente investigada, aqueles que então estavam sendo conduzidos às "veredas antigas" de Jeremias, por corações em busca da verdade, do cumprimento profético, juntamente com a validade das regras de interpretação profética adotadas pelo movimento do terceiro anjo.

Viu-se que o entendimento pioneiro correto da história do primeiro ai do capítulo nove de Apocalipse representava o Islã. O falso profeta Maomé era visto como o rei daquele período. Nessa história, o Islã atacaria o Império Romano, e seu modo de guerrear foi especificamente identificado como golpear de forma súbita e inesperada. Nesse sentido, entendeu-se que o próprio modo de guerra do Islã forneceu as raízes etimológicas da palavra "assassino". Nessa história, o Islã feriria os exércitos de Roma, e o período concluiu-se dentro de uma profecia de tempo de cento e cinquenta anos. Quando essa profecia de tempo terminou em 27 de julho de 1449, começaram a profecia de tempo e a história do segundo ai.

Iniciou-se outra profecia de tempo de trezentos e noventa e um anos e quinze dias, que terminou em 11 de agosto de 1840. Nessa história, o governante que representou a obra profética do Islã foi Ottman, que havia sido tipificado por Maomé na história do primeiro ai. O capítulo nove diz que, na história do segundo ai, o Islã mataria os exércitos de Roma. Eles ainda empregariam o modo de guerra, atacando de forma súbita e inesperada, mas, nessa história, a pólvora foi inventada e empregada pela primeira vez; assim, o segundo ai representava um modo de guerra caracterizado

pelo ataque súbito de um assassino, além de incluir explosivos.

Em 11 de setembro de 2001, o terceiro ai do Islã atingiu subitamente os exércitos espirituais de Roma com explosivos. Esse evento marcou o início de várias linhas de verdade profética, mas já havia sido claramente estabelecido com base nos dois testemunhos anteriores do primeiro e do segundo ai. O evento demonstrou claramente que, assim como no fortalecimento da história milerita de 11 de agosto de 1840, quando se cumpriu a profecia do Islã do segundo ai e o anjo de Apocalipse 10 desceu, quando chegou a profecia do Islã do terceiro ai, isso marcou a descida do anjo de Apocalipse 18 naquela data.

"Agora chega a notícia de que eu declarei que Nova York será varrida por uma onda de maré? Isso eu nunca disse. Eu disse, ao contemplar os grandes edifícios que se erguiam ali, andar após andar: 'Que cenas terríveis ocorrerão quando o Senhor se levantar para sacudir terrivelmente a terra! Então se cumprirão as palavras de Apocalipse 18:1-3.' Todo o capítulo dezoito do Apocalipse é um aviso do que está por vir sobre a terra. Mas não tenho nenhuma luz em particular no que diz respeito ao que está por vir sobre Nova York, apenas que sei que, um dia, os grandes edifícios de lá serão derrubados pelo virar e revirar do poder de Deus. Pela luz que me foi dada, sei que a destruição está no mundo. Uma palavra do Senhor, um toque do seu poderoso poder, e essas estruturas maciças cairão. Ocorrerão cenas cujo pavor não podemos imaginar." Review and Herald, 5 de julho de 1906.

O movimento do Future for America foi então visto, por aqueles dispostos a ver, como o paralelo do movimento milerita. O Islã do terceiro ai tornou-se um elemento principal da mensagem a partir de então. A Inspiração ensinou claramente que, quando o anjo do Apocalipse descesse, a chuva serôdia chegaria.

A chuva serôdia há de cair sobre o povo de Deus. Um poderoso anjo há de descer do céu, e toda a terra há de ser iluminada com a sua glória. Review and Herald, 21 de abril de 1891.

Quando o Leão da tribo de Judá começou a abrir a compreensão mais ampla da chuva serôdia, Ele conduziu Seu povo ao livro de Joel, que é um ponto de referência principal da chuva serôdia. Nesse ponto, alguns daqueles homens que haviam se juntado ao movimento após 11 de setembro de 2001 concluíram que os insetos de Joel que destroem a videira de Deus, levando ao despertar do Clamor da Meia-Noite, representavam o Islã. Eles não conseguiram, ou não quiseram, ver que os insetos representavam Roma.

A poderosa luz que havia sido trazida à tona pelo reconhecimento da aplicação tripla da profecia com relação aos três ais acrescentou um apoio lógico não santificado à sua alegação de que os insetos representavam o Islã. Como sempre acontece, uma vez que se admite uma interpretação particular, ocorre uma distorção das Escrituras na tentativa de sustentar a falsa premissa. Em seu trabalho para sustentar sua visão, demonstraram que não entendiam o princípio do tipo e do antítipo.

Na teologia e nos estudos bíblicos, os termos "tipo" e "antítipo" são usados para descrever uma relação entre dois elementos, em que um prefigura ou prenuncia o outro. Esse conceito frequentemente se enquadra nas categorias mais amplas de "sombra" e "substância".

Um tipo é um evento, pessoa ou instituição no Antigo Testamento que prefigura ou prenuncia um evento, pessoa ou instituição correspondente no Novo Testamento. Ele serve como um precursor simbólico. O antítipo é o cumprimento ou a realização do tipo. É a realidade que foi prefigurada pelo tipo. O conceito de "sombra" e "substância" corresponde à relação entre tipo e antítipo. A "sombra" representa o (tipo), ao passo que a "substância" representa o (antítipo).

Ninguém, pois, vos julgue por causa de comida ou de bebida, ou quanto a um dia santo, ou à lua nova, ou aos sábados; os quais são sombra das coisas que hão de vir; mas o corpo é de Cristo. Colossenses 2:16, 17.

Pois a lei, tendo uma sombra dos bens futuros, e não a própria imagem das coisas, nunca pode, com aqueles sacrifícios que eles ofereciam continuamente, ano após ano, aperfeiçoar os que se aproximam. Hebreus 10:1.

Na controvérsia pós-11 de setembro de 2001 em torno de Joel e da correta identificação de Roma papal como simbolizada por quatro insetos, delineando assim a destruição progressiva do adventismo laodiceano, aqueles que argumentavam que os insetos eram o Islã não apenas colocaram uma ênfase não santificada na aplicação tríplice dos três ais, mas também apontaram para tipos que apontavam para o antítipo de Roma e afirmaram que esses tipos na verdade identificavam o Islã. Ao fazer isso, deram evidência de que ou não compreendiam verdadeiramente o princípio de tipo e antítipo, ou acreditavam que deturpar os tipos era um meio digno para justificar o fim.

Na atual controvérsia sobre Roma, há novamente evidências de que aqueles que sustentam a ideia equivocada de que os "salteadores" de Daniel, capítulo onze, versículo catorze, são os Estados Unidos não compreendem corretamente tanto a aplicação tríplice da profecia quanto o princípio do tipo e do antítipo.

Quando aqueles que sustentam a visão de que os "ladrões" são os Estados Unidos buscam sustentar sua posição, eles empregam uma aplicação de uma tripla aplicação das três Romas, para supostamente provar que a Roma moderna, a terceira manifestação de Roma, corresponde aos Estados Unidos. Confiando que não estejam deliberadamente dando falso testemunho e que estejam apenas manifestando uma ignorância cega das regras de uma tripla aplicação da profecia, eles empregam uma característica profética das duas primeiras Romas e argumentam que uma característica da história de Roma identifica a Roma moderna.

Roma pagã é o primeiro de três cumprimentos proféticos de Roma. No capítulo oito de Daniel, a Roma pagã é o pequeno chifre masculino. No capítulo dois, a Roma pagã é a política de Estado. Em Daniel sete, a Roma pagã divide-se em um reino de dez partes.

A segunda manifestação de Roma é a Roma papal, que, no capítulo oito, é o chifre pequeno feminino; que, no capítulo dois, é o poder eclesiástico; e que, no capítulo sete, é o chifre que profere blasfêmias e arranca três chifres. A Roma pagã é um poder singular, mas a Roma papal é um poder duplo, representando a igreja papal como dominando o poder estatal das anteriores estruturas políticas da Roma pagã. Em 1798, o poder papal recebeu sua ferida mortal, mas não

deixou de ser uma igreja; apenas deixou de ser uma besta da profecia bíblica, pois o poder civil que anteriormente controlava foi removido.

A segunda Roma é a Roma papal e só funcionou como um poder (besta) da profecia bíblica quando tinha a capacidade de controlar o poder do Estado para levar a cabo seus planos blasfemos. A primeira Roma era um poder singular, a segunda Roma era um poder dúplice e a terceira Roma é um poder tríplice. As três manifestações de Roma são regidas pelos mesmos princípios que qualquer aplicação tríplice da profecia. Profeticamente, há três ais, três Babilônias, três Romas e três Elias. Em termos de tipo e antítipo, as duas primeiras manifestações de qualquer aplicação tríplice são tipos que fornecem a sombra do terceiro cumprimento, que é o antítipo e a substância da aplicação tríplice da profecia.

No caso de Roma, as características das duas primeiras Romas mostram que tanto a Roma pagã quanto a Roma papal concederam o título de Pontifex Maximus ao seu governante. Portanto, o título do governante da Roma moderna seria Pontifex Maximus, um título nunca atribuído a nenhum presidente dos Estados Unidos. As duas primeiras Romas teriam superado três obstáculos geográficos para estabelecer a autoridade no trono durante seus respectivos períodos históricos. Não há evidência de que os Estados Unidos tenham superado três obstáculos geográficos até 1798.

As duas primeiras Romas tiveram identificado um período específico de tempo durante o qual governariam com supremacia. No versículo vinte e quatro de Daniel onze, a Roma pagã é identificada como governando por um "tempo", ou trezentos e sessenta anos, o que ocorreu desde a Batalha de Ácio, em 31 a.C., até o ano 330 d.C. Reiteradamente, a Roma papal é identificada como reinando por mil duzentos e sessenta anos depois que os três chifres foram removidos, de 538 até 1798. Em Isaías, capítulo vinte e três, os Estados Unidos são identificados como reinando por setenta anos simbólicos, como os dias de um rei, mas nunca removeram três obstáculos geográficos antes de reinarem por setenta anos simbólicos.

Roma moderna é representada como superando os três obstáculos geográficos do rei do sul, da terra gloriosa e do Egito em Daniel capítulo onze, versículos quarenta a quarenta e dois, e, quando esses três obstáculos são derrotados e submetidos a Roma, eles então formam a tríplice união do dragão, da besta e do falso profeta. João também nos informa que a ferida mortal da besta papal é curada e que então ela reina por quarenta e dois meses simbólicos.

E vi uma de suas cabeças como que ferida de morte; e a sua ferida mortal foi curada; e todo o mundo se maravilhou e seguiu a besta. E adoraram o dragão que deu poder à besta; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem pode fazer guerra contra ela? E foi-lhe dada uma boca que falava grandes coisas e blasfêmias; e foi-lhe dado poder para continuar por quarenta e dois meses. Apocalipse 13:3-5.

A besta que reina por quarenta e dois meses simbólicos após sua ferida mortal ser curada é o poder romano.

A profecia de Apocalipse 13 declara que o poder representado pela besta com chifres semelhantes aos de um cordeiro fará com que 'a terra e os que nela habitam' adorem o

papado—ali simbolizado pela besta 'semelhante a um leopardo'. ... Tanto no Velho quanto no Novo Mundo, o papado receberá homenagem na honra prestada à instituição do domingo, que repousa unicamente sobre a autoridade da Igreja Romana." O Grande Conflito, 578.

A Roma pagã, a primeira Roma, reinou soberanamente por trezentos e sessenta anos, em cumprimento de Daniel capítulo onze, versículo vinte e quatro, e fez isso depois de remover três obstáculos geográficos, em cumprimento de Daniel capítulo oito, versículo nove.

O Papado, a segunda Roma, governou soberanamente por mil duzentos e sessenta anos, em cumprimento de várias passagens das Escrituras, e fez isso depois de remover três obstáculos geográficos, em cumprimento de Daniel capítulo sete, versículos oito e vinte.

Roma moderna vence o rei do sul no versículo quarenta de Daniel onze, e depois, no versículo quarenta e um, vence a terra gloriosa e, no versículo quarenta e dois, vence o Egito. Roma moderna é o rei do norte do capítulo onze de Daniel.

A Roma pagã, a primeira Roma, era uma potência perseguidora, e a Roma papal, a segunda Roma, era uma potência perseguidora e, portanto, a Roma moderna será uma potência perseguidora.

Os Estados Unidos participarão na terceira perseguição levada a cabo por Roma moderna, mas isso não identifica os Estados Unidos como o poder papal; simplesmente identifica uma característica da relação dos Estados Unidos com o poder papal nos últimos dias.

Aqueles que desejam argumentar que os Estados Unidos são os “salteadores do teu povo” nos últimos dias empregam a aplicação tripla das três Romas para identificar erroneamente os Estados Unidos. O método falho que empregam, no contexto de uma aplicação tripla, baseia-se em identificar uma característica das duas primeiras Romas e insistir que uma característica profética de Roma, e não a própria Roma, é a terceira Roma.

Eles identificam a primeira lei dominical histórica de Constantino em 321 d.C., e em seguida a lei dominical da Roma papal em 538 d.C., para afirmar que a lei dominical iminente nos Estados Unidos define os Estados Unidos como a Roma moderna, e também confundem as coisas ao associar o aviso de Jesus para fugir, quando as "abominações da desolação" de que falou Daniel, à lei dominical. A "abominação da desolação" de que Jesus falou aponta para duas leis dominicais nos últimos dias, mas é um simbolismo muito diferente, pois é um aviso para fugir, não um aviso para recusar a marca da besta. A ideia equivocada deles nem sequer aborda que há duas leis dominicais específicas nos últimos dias.

Quando, pois, virdes a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, estar no lugar santo (quem lê, entenda), então os que estiverem na Judeia fujam para os montes; quem estiver no terraço não desça para tirar nada de sua casa; e quem estiver no campo não volte atrás para buscar suas roupas. Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Orai, porém, para que a vossa fuga não seja no inverno, nem no dia de sábado. Mateus 24:15-20.

"A abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel" foi um sinal que Jesus deu ao seu povo para indicar quando deveriam fugir da destruição iminente de Jerusalém, quando a Roma

pagã a sitiou e, em seguida, destruiu o santuário e a cidade, do ano 66 ao ano 70 d.C.

Jesus declarou aos discípulos que o escutavam os juízos que haviam de cair sobre o Israel apóstata e, especialmente, a vingança retributiva que viria sobre eles por sua rejeição e crucifixão do Messias. Sinais inconfundíveis precederiam o terrível clímax. A hora temida viria subitamente e rapidamente. E o Salvador advertiu Seus seguidores: 'Quando, pois, virdes a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, estar no lugar santo (quem lê, entenda:), então os que estiverem na Judeia fujam para os montes.' Mateus 24:15, 16; Lucas 21:20, 21. Quando os estandartes idólatras dos romanos fossem erguidos no terreno sagrado, o qual se estendia alguns estádios além das muralhas da cidade, então os seguidores de Cristo deveriam encontrar segurança na fuga. Quando o sinal de advertência fosse visto, os que quisessem escapar não deveriam demorar-se. . . .

"Nenhum cristão pereceu na destruição de Jerusalém. Cristo havia advertido Seus discípulos, e todos os que creram em Suas palavras ficavam atentos ao sinal prometido. . . . Sem demora, fugiram para um lugar seguro - a cidade de Pella, na terra de Pereia, além do Jordão." O Grande Conflito, 25, 30.

À medida que o ano 538 se aproximava, os cristãos daquela época reconheceram que a igreja havia sido corrompida por uma concessão à religião pagã e, com base na advertência de Cristo e em conjunto com a luz dada por meio do testemunho do apóstolo Paulo em 2 Tessalonicenses capítulo dois, fugiram para o deserto profético dos mil duzentos e sessenta anos.

Mas antes da vinda de Cristo, importantes desenvolvimentos no mundo religioso, preditos na profecia, haveriam de ocorrer. O apóstolo declarou: 'Não vos deixeis abalar facilmente no entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por carta como se fosse de nós, como se o dia de Cristo estivesse iminente. Ninguém de modo algum vos engane; pois esse dia não virá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição; o qual se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus ou é objeto de culto; de sorte que se assenta no templo de Deus, mostrando-se como Deus.'

As palavras de Paulo não deviam ser mal interpretadas. Não se devia ensinar que ele, por revelação especial, havia advertido os tessalonicenses sobre a vinda imediata de Cristo. Tal posição causaria confusão na fé; pois a decepção frequentemente leva à incredulidade. O apóstolo, portanto, advertiu os irmãos a não receberem tal mensagem como proveniente dele e passou a enfatizar o fato de que o poder papal, tão claramente descrito pelo profeta Daniel, ainda se levantaria e faria guerra contra o povo de Deus. Até que esse poder realizasse sua obra mortífera e blasfema, seria em vão para a igreja esperar a vinda de seu Senhor. 'Não vos lembrais', perguntou Paulo, 'de que, quando ainda estava convosco, vos dizia estas coisas?'

Terríveis foram as provocações que haviam de sobrevir à verdadeira igreja. Mesmo ao tempo em que o apóstolo escrevia, o 'mistério da iniquidade' já havia começado a operar. Os desenvolvimentos que se dariam no futuro seriam 'segundo a eficácia de Satanás, com todo poder e sinais e prodígios de mentira, e com todo engano da injustiça nos que perecem'.

Especialmente solene é a declaração do apóstolo a respeito daqueles que se recusassem a receber 'o amor da verdade'. 'Por isso', declarou ele acerca de todos os que deliberadamente

rejeitassem as mensagens da verdade, 'Deus lhes enviará forte ilusão, para que creiam na mentira; para que todos sejam condenados os que não creram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça.' Os homens não podem, impunemente, rejeitar as advertências que Deus, em Sua misericórdia, lhes envia. Daqueles que persistem em afastar-se dessas advertências, Deus retira o Seu Espírito, deixando-os aos enganos que amam." Atos dos Apóstolos, 265, 266.

O compromisso entre o paganismo e a igreja foi o sinal de advertência que levou os cristãos daquela época a se separarem da Roma papal, mas deve-se notar que a luz que Paulo acrescentou à advertência de Jesus para fugir é a mesma passagem em que William Miller veio a entender que “o diário” do livro de Daniel representava a Roma pagã. A relação profética entre a Roma pagã refreando e, depois, caindo, para que a Roma papal ascendesse ao trono, era uma verdade que precisava ser compreendida, pois as consequências de não reconhecer tal relação profética trariam um forte engano sobre os que não amavam essa verdade. A irmã White aborda a mesma história:

Foi necessária uma luta desesperada para que os que quisessem ser fiéis permanecessem firmes contra os enganos e as abominações que, disfarçados em vestes sacerdotais, foram introduzidos na igreja. A Bíblia não era aceita como a regra de fé. A doutrina da liberdade religiosa era tida como heresia, e seus defensores eram odiados e proscritos.

"Após um longo e severo conflito, os poucos fiéis decidiram dissolver toda união com a igreja apóstata se ela ainda recusasse libertar-se da falsidade e da idolatria. Viram que a separação era uma necessidade absoluta se quisessem obedecer à palavra de Deus. Não ousavam tolerar erros fatais para suas próprias almas, nem dar um exemplo que pusesse em risco a fé de seus filhos e dos filhos de seus filhos. Para assegurar a paz e a unidade, estavam prontos a fazer qualquer concessão compatível com a fidelidade a Deus; mas entendiam que até mesmo a paz seria cara demais se comprada ao preço do sacrifício de princípios. Se a unidade só pudesse ser alcançada ao preço de comprometer a verdade e a justiça, então que haja divergência, e até mesmo guerra." O Grande Conflito, 45, 46.

A relação profética entre os Estados Unidos e o papado nos últimos dias tem sido tipificada e enfatizada pela identificação feita por Paulo da relação entre a Roma pagã e a Roma papal, culminando em 538 d.C. Na aplicação tripla de Roma, a Roma pagã cumpriu as palavras de Jesus que identificam a abominação da desolação como um sinal para fugir, e a Roma papal também cumpriu as palavras de Jesus. A Irmã White identifica outro cumprimento das palavras de Cristo.

"Não é tempo, agora, de o povo de Deus prender seus afetos ou acumular seus tesouros no mundo. Não está longe o tempo em que, como os primeiros discípulos, seremos forçados a buscar um refúgio em lugares desolados e solitários. Assim como o cerco de Jerusalém pelos exércitos romanos foi o sinal para a fuga dos cristãos da Judeia, assim a assunção do poder por parte de nossa nação, no decreto que impõe o sábado papal, será um aviso para nós. Então será tempo de deixar as grandes cidades, como preparação para deixar as menores, rumo a lares retirados em lugares isolados entre as montanhas." Testemunhos, volume 5, 464.

Para os cristãos da época de Cristo, o aviso indicava quando fugir de Jerusalém. Nos séculos V e VI, o aviso para os cristãos levou-os a fugir para o deserto.

E a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha um lugar preparado por Deus, para que ali a sustentem por mil duzentos e sessenta dias. . . E foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, de diante da face da serpente. E a serpente lançou da sua boca água como um rio atrás da mulher, para que fosse arrastada pela inundação. E a terra ajudou a mulher, e a terra abriu a sua boca e engoliu o rio que o dragão lançara da sua boca. E o dragão irou-se contra a mulher e foi fazer guerra ao resto da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo. Apocalipse 12:6, 15-17.

Jesus sempre ilustra o fim de algo com o seu começo, pois Ele é o Alfa e o Ômega. O aviso da abominação da desolação na história da Roma papal foi percebido quando o poder papal foi reconhecido como estando no lugar santo.

A advertência é registrada por Mateus, Marcos e Lucas, e cada referência tem uma ligeira variação de palavras. Mateus afirma: "Quando, pois, virdes a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, no lugar santo", e Marcos afirma: "quando virdes a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, estando onde não deve." Lucas afirma: "quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei então que a sua desolação está próxima. Então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes."

Os três testemunhos se aplicam conjuntamente. Numa aplicação mais específica, a referência de Lucas a Jerusalém cercada por exércitos identifica o aviso de que, quando a Roma pagã iniciou seu cerco contra Jerusalém no ano 66 d.C., os cristãos que ainda estavam em Jerusalém deveriam fugir imediatamente. A referência de Mateus ao "lugar santo" corresponde à identificação, por Paulo, do "homem do pecado" que "se assenta no templo de Deus, mostrando-se como Deus", representando assim o cumprimento papal da "abominação da desolação". Marcos identifica a abominação da desolação estando onde não deve, e isso corresponde ao aviso para fugir dado ao Adventismo nos últimos dias. Duas das advertências estão associadas à ordem de que quem lê, entenda, e todas tratam de um sinal que devia informar aos cristãos da época que fugissem.

A falsa aplicação de uma tripla aplicação, que é deturpada por aqueles que afirmam que os "salteadores do teu povo" são os Estados Unidos, indica que, quando a "abominação da desolação" se cumpre por ocasião da lei dominical nos Estados Unidos, a lei dominical então imposta identifica os Estados Unidos como Roma Moderna, pois tanto a Roma pagã quanto a Roma papal anteriormente impuseram uma lei dominical.

O problema com essa aplicação equivocada é que a lei dominical da Roma pagã ocorreu no ano 321 d.C., mas o cumprimento, por parte da Roma pagã, da "abominação da desolação" deu-se no ano 66 d.C., 255 anos antes da lei dominical de 321 d.C. Do mesmo modo, o compromisso que produziu o "homem do pecado" já estava ocorrendo no tempo de Paulo, que disse: "o mistério da iniquidade já opera", contudo a lei dominical papal veio mais de quatro séculos depois. As duas primeiras testemunhas, numa aplicação tripla da profecia, estabelecem as características do terceiro cumprimento nos últimos dias. A "abominação da desolação" nos últimos dias, com base em duas testemunhas históricas e três registros bíblicos das palavras de Cristo, representa um aviso para fugir, não a imposição de uma lei dominical.

No próximo artigo, vamos explicar por que essa aplicação é falha no contexto de regras estabelecidas associadas a uma aplicação tripla da profecia e por que a identificação da lei dominical no contexto da advertência dada por Cristo é uma deturpação da história profética.

"Este compromisso entre o paganismo e o cristianismo resultou no desenvolvimento do 'homem do pecado', predito pela profecia como alguém que se opõe e se exalta acima de Deus. Esse gigantesco sistema de falsa religião é uma obra-prima do poder de Satanás — um monumento de seus esforços para assentar-se no trono e governar a terra segundo a sua vontade." O Grande Conflito, 50.